

NATÁLIA CORREIA

A QUESTÃO
ACADÊMICA
DE 1907

Prefácio de
MÁRIO BRAGA

MINOTAURO

SEARA NOVA

Fechada a Universidade até que o Conselho de Decanos julgasse em processos académicos os estudantes acusados de serem cabeças de motim, esse facto implicava a saída de Coimbra, nas 24 horas imediatas, de todos os estudantes cujas famílias não residissem na cidade.

A Academia tinha nomeados três grandes comissões compostas de estudantes em Lisboa, Porto e Coimbra, para que durante o encerramento da Universidade fossem simultaneamente convocadas assembleias, no sentido de se orientarem sobre as directrizes a seguir e de manter o protesto junto do Governo a fim que este sancionasse as reclamações académicas. Os estudantes das outras faculdades resolveram aderir ao protesto e a *questão académica* generalizou-se conquistando para a sua causa os estudantes de Lisboa e do Porto.

A 5 de Março, um comboio especial transportava à cidade de Lisboa 500 estudantes que vinham entregar uma representação ao Chefe do Governo secundada por outra destinada ao Parlamento.

Para que o Governo os não acusasse de instigadores da desordem pública os rapazes resolveram manter uma atitude ordeira durante a sua estada na capital, moderando pelo seu exemplo, logo no desembarque, uma manifestação que se anunciava estrondosa da parte dos populares e dos estudantes que tinham invadido as plataformas da estação, contra as ordens baldadamente defendidas pelos empregados e guardas civis que acorriam em socorro dos ferroviários.

No intuito de marcar a sua incompatibilidade com o ensino oficial de Direito os estudantes tinham resolvido aproveitar a sua vinda a Lisboa para homenagear Teófilo Braga, pedindo-lhe que dissertasse sobre essa matéria.

A causa da Academia apaixonava as figuras mais destacadas do mundo da cultura. A 16 de Março, num comício realizado no Porto, no Salão do Corpo da Guarda, promovido pelos estudantes de Coimbra da Comissão de Lisboa, no qual, entre outros, falaram Ramada Curto, Carlos Olavo, Leonardo Coimbra e Jaime Cortesão, foi lida esta carta de Guerra Junqueiro:

"AMIGOS

Desejando que o vosso conflito universitário se liquide em breve à boa paz, sem desonra nem para os estudantes, nem para os lentes, aconselho-vos a moderação, dentro da dignidade e da firmeza.

Eu não avalio, na origem, o vosso acto de revolta. Falta-me a competência. Mas, além da nobreza ardente que o distingue, um férvido anseio de libertação espiritual o desencadeou e o justifica.

Hoje, os grandes institutos e universidades são consciências prodigiosas da natureza. Nos seus museus e laboratórios a natureza reflecte-se e confessa-se. Dando à vida um balanço contínuo, preparam a equação suprema do universo. Descobrem e domesticam as energias, libertam as almas, humanizam o mundo. São focos sagrados de revelação e deslumbramento.

Pois a nossa triste Universidade, embora com homens de valor, julgada em globo, na sua organização, na sua estrutura, e nas suas tendências, só realmente queimando-a nos daria luz. Não a queimem nem a desloquem, reformem-na. Coimbra, pela tradição, pela arte e pela paisagem, é o centro ideal, de evocadora beleza, onde os altos estudos devem harmonizar-se e reunir-se. A teologia para os seminários e, a advocacia e a engenharia para Lisboa e Porto, e em Coimbra, na tranquilidade esplêndida que induz à meditação e ao recolhimento, as ciências e as letras, diferenciadas e conjugadas num organismo vivo e superior. Universidade quer dizer análise do Universo.

Porto, 15

Cordial amigo,

Guerra Junqueiro"